



**Universidade de Brasília**  
**Instituto de Letras**  
**Departamento de Teoria Literária e Literatura**  
**Licenciatura em Letras/Português**  
**Monografia em Literatura**

Caio Andrade Oliveira

18/0014421

**Literatura na educação: ecocrítica e a construção de uma nova consciência ambiental**

<b>MENÇÃO</b>	<b>SS</b>
---------------	-----------

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Virgínia Maria Vasconcelos Leal**

Brasília-DF  
1º/2024

**Instituto de Letras**  
**Departamento de Teoria Literária e Literatura**  
**Licenciatura em Letras/Português**  
**Monografia em Literatura**

Caio Andrade Oliveira  
18/0014421

Monografia em Literatura apresentada ao Programa de Graduação do Departamento de Teoria Literária e Literatura do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras - Língua Portuguesa e Respectiva Literatura, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Virgínia Maria Vasconcelos Leal.

Brasília-DF  
1º/2024

## Agradecimentos

Agradeço aos colegas e aos professores que atravessaram meu caminho ao longo dos anos que passei na Universidade e que me fizeram ter forças para seguir: Bárbara, Gabriela, Ana Luiza, Joana, Ana Paula e professores Rodrigo, Fabrícia, Marcus Vinicius, Michelle. Agradeço à minha família, que mesmo quando não me entende, ainda me ama e me apoia. Agradeço à minha mãe especialmente pelas caronas de casa para a UnB ou da UnB para casa, que muitas vezes renderam boas conversas. Agradeço à Victória, por me motivar e não me deixar esquecer que as coisas se acertam e acabam ficando todas no seu lugar. Agradeço às amigas Anna Letícia e Sofia, pela companhia e apoio durante a minha graduação. Agradeço aos meus amigos, os “Friends” que me ajudam a levar a vida com mais leveza mesmo quando ela é dura. Por fim, obrigado à professora Virgínia, que foi uma professora exemplar desde o primeiro encontro, com quem fiz três disciplinas, além da monografia, que abraçou meu projeto e acreditou em mim, me convidou para os encontros fascinantes de sua turma de pós-graduação e me apresentou o universo da ecocrítica. Sem cada um de vocês, o caminho até aqui teria sido, no mínimo, um bocado mais difícil.

Quando o Sol  
Se derramar em toda sua essência  
Desafiando o poder da ciência  
Pra combater o mal  
E o mar  
Com suas águas bravias  
Levar consigo o pó dos nossos dias  
[...]

Os palácios vão desabar  
Sob a força de um temporal  
E os ventos vão sufocar o barulho infernal  
Os homens vão se rebelar  
Dessa farsa descomunal  
Vai voltar tudo ao seu lugar  
Afinal

Vai resplandecer  
Uma chuva de prata do céu vai descer  
O esplendor da mata vai renascer  
E o ar de novo vai ser natural  
Vai florir  
Cada grande cidade o mato vai cobrir  
[...]

As pragas e as ervas daninhas  
As armas e os homens de mal  
Vão desaparecer nas cinzas de um carnaval

As forças da natureza - Clara Nunes, Paulo César  
Pinheiro e João Nogueira

## **Resumo**

A ecologia como movimento social transforma-se em tema de interesse interdisciplinar, inclusive da literatura. A educação ambiental e a ecocrítica, dois produtos do ambientalismo, criam discussões sobre a relação entre a humanidade e o seu ambiente que podem vir a se encontrar em uma única prática. O ensino de literatura pode cumprir sua transversalidade com a educação ambiental em diálogo com a ecocrítica. Obras selecionadas da literatura brasileira são meios para debater a perspectiva animal dentro da literatura, alteridades, o pertencimento de humanos, plantas e animais a um mesmo lugar e ainda outros temas do ambientalismo e da ecocrítica.

**Palavras-chave:** educação ambiental; ecocrítica; ensino de literatura; ecologia; alteridade.

## **Sumário**

<b>Introdução.....</b>	<b>6</b>
<b>Ecologia e educação</b>	
A ecologia.....	8
A educação ambiental.....	11
A literatura.....	13
<b>Ecocrítica e ensino de literatura</b>	
A ecocrítica.....	15
Antropocentrismo e descentramento .....	16
Ecocrítica no ensino de literatura .....	18
<b>Seleção de obras literárias</b>	
Proposta .....	19
Exploração e maus-tratos de animais e construções de alteridade .....	20
O retorno à natureza e o reencontro.....	23
Onde as espécies se encontram.....	25
Vozes originárias .....	27
Os animais como sujeitos .....	29
Cataclismos .....	31
<b>Considerações finais.....</b>	<b>34</b>
<b>Referências.....</b>	<b>36</b>

## **Introdução**

O ambientalismo, movimento social que surge a partir da ecologia, é fruto de um momento em que as projeções de futuro apontam o planeta para o esgotamento ambiental por causa da intensa exploração de seus recursos pelos seres humanos. Em poucos anos, as ideias desse movimento já alcançaram diversas áreas do conhecimento, animando-as a buscar maiores respostas sobre os riscos e consequências dessa exploração. A partir disso, é proposto que o ser humano é uma força modificadora da Terra em termos geológicos e que o futuro da vida, principalmente a humana, estaria em risco.

No plano educacional, surge a educação ambiental, que em pouco tempo passa a integrar não só as legislações de diferentes países, como também suas bases curriculares. O objetivo dela é transformar o entendimento que a humanidade tem do meio ambiente e, por consequência, a relação que constrói com ele. Especialmente na legislação brasileira, a educação ambiental torna-se tema de grande importância, sendo incluída no grupo de temas contemporâneos transversais, que são aqueles que devem atravessar todas as disciplinas da educação básica. Contudo, à medida que os conhecimentos ecológicos avançam e se diversificam, pouca é a mudança que se dá no plano da exploração ambiental, porque a força com que se estabeleceu a ordem capitalista e consumista impede o avanço de tais mudanças.

Quando o movimento ambientalista alcança as humanidades, surge a ecocrítica, que olha para a literatura com as lentes do ambientalismo e busca na arte representações que coadunam com seus temas e suas visões. Analisa-se a relação do humano com os animais, com as plantas, com o mundo e o ambiente que coabitam e percebem-se as artes e especialmente a literatura como uma forma de mudança de pensamento, de perspectivas e até de paradigmas, tomando parte no descentramento da figura humana na cultura.

Dentro de obras da literatura brasileira, principalmente modernistas e contemporâneas, encontramos muitas possibilidades de trabalhar com temas da ecocrítica e do movimento ambientalista. A perspectiva ecocrítica mostra-se então um caminho a ser tomado pelo ensino de literatura, que já inclui o estudo de obras desses períodos literários. Essa alternativa satisfaz a proposta de transversalidade das diretrizes curriculares, porque contribui para a tomada de consciência a respeito da relação entre humanidade e meio ambiente e a urgente necessidade de mudanças diante das consequências ambientais catastróficas que se anunciam. Para isso, a ecocrítica realiza um recorte de obras e temas que nos mostram outras formas de existir e se

relacionar com o meio ambiente – como as criações ficcionais envolvendo pensamento animal e as obras literárias de autoria indígena.

Este trabalho se propõe a traçar o histórico que nos leva do surgimento do ambientalismo até o desenvolvimento da ecocrítica e explorar as discussões dessa perspectiva de análise literária, que eventualmente podem integrar práticas de ensino de literatura com transversalidade em educação ambiental.



## **Ecologia e educação**

### A ecologia

A origem do termo *ecologia* dá-se no final da década de 1860 e a conceituação de seu principal objeto de estudo, o ecossistema, data de 1935 (Carvalho, 2011, p. 39). Por isso, é considerada uma área da ciência relativamente nova, que se popularizou muito recentemente, o que, contudo, não diminui em nada seu alcance e importância. Hoje, as crises ambientais ocorrem e de forma crítica, tornando-se assim um momento propício para a inserção do tema da ecologia nos mais diversos debates em diversas áreas do conhecimento, já que ela se ocupa de conhecer e entender as inter-relações entre os seres vivos – o ser humano incluso – e seu ambiente. O surgimento da ecologia reflete um caminho de mudança de pensamento, de perspectiva, e de descoberta do universo infinitamente complexo que constitui o meio que nos cerca, reaproximando a humanidade à sua realidade de espécie animal inserida em um habitat e com um nicho, como todas as outras. É na ecologia, por exemplo, que se cria o termo “população” para designar um grupo de pessoas, que depois se alarga para abranger grupos de indivíduos de todos os tipos de organismos. Formam-se, assim, pequenos movimentos suscitados pela ecologia que aos poucos levam os humanos de volta ao patamar onde estão os outros organismos vivos e de onde nunca saíram verdadeiramente (Odum, 2001, p. 6).

Há um momento na história da ecologia em que ela ganha um viés social, cotidiano (Odum, 2001, p. 4), e é transformada em práticas, ações e movimentos cuja finalidade é a melhora do mundo, a busca do utópico e da justiça social. Daí em diante, o campo das ciências naturais já não corresponde, então, aos seus limites. Portanto, hoje, damos o nome de ecologia também para o universo de preocupações e ações sociais que questionam e criticam o consumo, a produção e a exploração de recursos que a humanidade pratica (Carvalho, 2011, p. 47). Esse novo movimento, a que também chamamos de ecologismo ou ambientalismo, surgiu na década de 1960 nos Estados Unidos e durante os vinte anos posteriores se desenvolveu na América Latina, junto com movimentos de contracultura, de visões revolucionárias e de busca a uma liberdade individual ampla, que esmagasse opressões e desse espaço para existências e visões diferentes daquelas que estavam no centro. Isabel Carvalho (2011, p. 47) explica que “a contracultura opõe-se, sobretudo, ao paradigma ocidental moderno, industrial, científico, questionando a racionalidade e o modo de vida da chamada Grande Sociedade – expressão do pensamento crítico da época para designar o padrão social estabelecido.”

O ecologismo, assim como os movimentos de contracultura, tem como fundamento a busca por se emancipar daquilo que é dominante e daquilo que se impõe sobre o que é diferente, reivindicando assim espaço para a existência livre e autônoma de modos diferentes de viver (Carvalho, 2011, p. 48) e colocando-se contra aquilo que é força motriz para a degradação ambiental e, por fim, para um cataclismo causado por nós mesmos:

O mundo contra o qual a crítica ecológica se levanta é aquele organizado sobre a acumulação de bens materiais, no qual vale mais ter do que ser, no qual a crença na aceleração, na velocidade e na competitividade sem limites tem sido o preço da infelicidade humana, da desqualificação e do abandono de milhões de pessoas, grupos e sociedades que não satisfazem esse modelo de eficácia. (Carvalho, 2011, p. 68)

Se olharmos para os últimos anos, o século XXI, identificamos uma das mais populares heranças desse movimento, o conceito de sustentabilidade, que cresceu principalmente no meio corporativo e pode ser definido como a exploração do meio ambiente hoje de forma que não comprometa a exploração no futuro (Fonseca, 2020, p. 68). Trata-se de uma noção de que cuidar do meio ambiente é um requisito para a sobrevivência e para a continuidade do desenvolvimento da espécie humana; para que o ser humano sustente sua existência como é hoje, ou mesmo para que a natureza seja capaz de sustentá-lo, é necessário que use racionalmente seus recursos. Porém, desde a primeira industrialização, a relação entre a espécie humana e o meio ambiente – que inclui plantas, animais e espaço geográfico – é de exploração intensa, constante e de esgotamento, o que torna os conhecimentos e as práticas ecológicas ainda mais urgentes. Em *Ideias para adiar o fim do mundo*, de Ailton Krenak, a sustentabilidade é retratada como mítica, fruto de um ativismo falso e ilusório que afasta ainda mais a espécie humana da natureza de que faz parte.

Estar com aquela turma me fez refletir sobre o mito da sustentabilidade, inventado pelas corporações para justificar o assalto que fazem à nossa ideia de natureza. Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso – enquanto seu lobo não vem –, fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza (Krenak, 2019, p. 16).

As práticas associadas à sustentabilidade e o próprio conceito de sociedade sustentável, apesar de populares, parecem já estar ultrapassados, ou são insuficientes, e no momento presente talvez comecem a ser superados e sobrepostos por outras visões que tiram do centro a figura humana e abrem espaço para a percepção daqueles com quem a humanidade coabita o

mundo. Chegam até a equipará-los, justamente por jogarem luz à relação de dependência entre os diversos sistemas e ambientes em que estão inseridos todos os seres vivos, inclusive os humanos (Sorrentino, 2006, p. 97). É esse o novo momento de pensamento ecológico que a humanidade – ou pelo menos parte dela – atravessa agora; como nunca, a ecologia tem ajudado a aproximar o que é humano ao que é natureza, animal ou vegetal – e não só –, o que por muito tempo foi considerado como coisa ou algo muito distinto e inferior ao que é a humanidade. Como Donna Haraway sugere, estamos enfim fazendo parentes com as outras formas de existência à nossa volta, enxergando-os, pouco a pouco, mais como seres de uma complexidade ainda não conhecida e menos como coisas, produtos ou matéria-prima (Haraway, 2016, p. 141).

Dessa forma, podemos nos aproximar de um maior entendimento do conceito de Gaia, proposto em 1970 por James Lovelock e Lynn Margulis, de que a Terra seria um grande organismo vivo e único, constituindo uma categoria mais ampla que a biosfera. Essa é uma visão que, mesmo se considerada figurativamente, contribui para redimensionar o valor das diversas formas de vida e a sua codependência (Carvalho, 2011, p. 40), característica descrita pelas duas ecologias, a biológica e a social. Eugene Odum, importante zoólogo e ecólogo americano, esclarece a perspectiva da primeira:

[...] quando se trata do homem e dos animais superiores, há o hábito de pensar no indivíduo como sendo a última unidade [e] a ideia de um espectro contínuo poderá parecer estranha à primeira vista. Contudo, dos pontos de vista da interdependência, das inter-relações e da sobrevivência, não pode haver soluções de continuidade em parte alguma ao longo da linha. O organismo individual, por exemplo, não pode sobreviver por muito tempo sem a sua população, como o órgão não poderia subsistir como uma unidade que se autoperpetua sem o seu organismo. De forma semelhante, a comunidade não pode existir sem a circulação de materiais e a corrente de energia no ecossistema. (Odum, 2001, p. 6)

Carvalho, ao falar sobre a importância de uma mudança de postura frente ao meio ambiente por parte dos seres humanos, defende que é necessário uma ecologização da nossa forma de viver e explica: “Trata-se aqui de construir uma cultura ecológica que compreenda a natureza e a sociedade como dimensões intrinsecamente relacionadas e que não podem mais ser pensadas – seja nas decisões governamentais, seja nas ações da sociedade civil – de forma separada, independente ou autônoma” (Carvalho, 2011, p. 141).

A ecologia passa a ser então um centro para onde se voltam olhares de todas as áreas do conhecimento, à medida que se assenta nas pessoas a visão de que não é o humano o centro da vida ou da natureza e não deveria ele pensar a si mesmo acima de todas as outras espécies.

## A educação ambiental

Outra grande herança do ecologismo foi a incorporação de uma educação ambiental nos programas educacionais no Brasil e no mundo. Isso se deve às preocupações levantadas por esse novo movimento e acolhidas pela sociedade, que colocam em evidência a necessidade de conscientizar aqueles que serão a sociedade e que pensarão sobre o mundo do futuro e sobre a responsabilidade e a dependência que existem entre a humanidade e o meio ambiente e, a partir dessa consciência, realizar transformações que preservem o ambiente ao invés de deteriorá-lo. Logo, um dos principais objetivos da educação ambiental é o de formar novas maneiras do humano se relacionar com o planeta (Carvalho, 2011, p. 158).

No cenário internacional, esse tipo de prática educacional entra em debate em conferências sobre meio ambiente realizadas na década de 1970 e promovidas pela Organização das Nações Unidas. A partir desses eventos é que os países começam a pensar e praticar suas próprias políticas de educação ambiental, que só se tornarão realmente conhecidas nas décadas seguintes. No Brasil, o avanço dessas políticas tem seu marco inicial justamente após uma dessas conferências da Organização das Nações Unidas que aconteceu na cidade do Rio de Janeiro, a Rio-92. Apesar disso, legislações que tratam do tema já existem desde 1973 (Carvalho, 2011, p. 52) e a própria Constituição Federal define que é incumbência do Poder Público “promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente” (Brasil, 2024, artigo 225, parágrafo I, inciso VI).

Houve ainda mais movimentações políticas importantes para a consolidação da educação ambiental, como a criação do Fundo Nacional do Meio Ambiente através da Lei nº 7.797 de 1989, que serviu para apoiar financeiramente projetos de educação ambiental; em 1992, criam-se os Núcleos de Educação Ambiental no Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, o Ibama, que integra o mais novo, à época, Ministério do Meio Ambiente; no mesmo ano, são criados Centros de Educação Ambiental através do Ministério da Educação, que também criará o Programa Nacional de Educação Ambiental, Pronea, em conjunto com outros ministérios em 1994; em 1999, foi aprovada a Lei nº 9.795, que criou a Política Nacional de Educação Ambiental, que é regulamentada em um decreto três anos depois; em 2003, é criado o Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental, comum ao MEC e ao MMA. Além disso, também está inclusa na Lei de Diretrizes e Bases da

Educação Nacional, nº 9.394, de 1996, e aparece em diversos outros programas e planos governamentais relacionados a mudanças climáticas.

O ambientalismo ganha espaço e se estabelece como diretriz para políticas públicas muito rapidamente nas instituições governamentais e, por consequência, a educação ambiental também, justamente porque faz parte de uma tomada de consciência sobre as crises e emergências ambientais e como elas podem comprometer nosso futuro (Carvalho, 2011, p. 54), que vão infalivelmente aparecendo e se mostrando ano após ano.

O ano de 1997 é também um importante marco para a institucionalização da educação ambiental no Brasil, pois é quando os Parâmetros Curriculares são definidos no Ministério da Educação, em sua Secretaria de Ensino Fundamental, colocando “meio ambiente” como um tema transversal (Carvalho, 2011, p. 53). São chamados de temas transversais os conteúdos considerados muito importantes e abrangentes, pois se relacionam com todas as áreas do conhecimento que estão representadas na educação básica e são dignas de atenção especial dentro das normativas que definem os currículos escolares. A regra central sobre os temas transversais é que eles devem ser incluídos em todas as disciplinas. A transversalidade da educação ambiental não se dá somente nos currículos escolares da educação básica, mas também na formação docente, como está proposto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (MEC, 2013, p. 234). Os temas transversais foram pensados para que professores e professoras que trabalham na educação básica sejam orientados a buscar contribuir para a formação cidadã de um sujeito comprometido com sua responsabilidade com o ambiente, com o coletivo e com a sociedade; isso inclui todos os docentes, de todas as disciplinas, delegando a eles a tarefa de pensar a relação que os diferentes conteúdos de sua área podem construir com esses temas. No âmbito da ecologia, essa é uma tarefa menos complexa, porque questões ecológicas naturalmente atravessam toda a vida humana em diferentes níveis e nela ocupam muitos espaços; na verdade, interdisciplinaridade é uma característica marcante da ecologia em seu viés social.

A transversalidade na educação ambiental, ou na educação que suscita a tomada de consciência ecológica-social, é fundamental por serem tão urgentes as mudanças de paradigmas, de postura, de cultura, de visão do mundo e das relações em geral que a humanidade estabelece com o ambiente à sua volta; é preciso lançar mão de todos os meios disponíveis para causar a mudança de pensamento, o que é talvez o primeiro e principal passo

em direção à utopia social e ecológica que precisamos alcançar não mais para viver com qualidade, mas para não deixarmos de existir.

### A literatura

Das áreas do conhecimento representadas na escola, a literatura é uma das que mais podem contribuir para uma mudança de perspectiva das pessoas em sua relação com o mundo. Carvalho (2011, p. 37) fala na necessidade de uma “troca de lentes” quando trata desse tema; para ela, somos “refêns das nossas visões ou conceitos, ângulos sempre parciais que usamos para acessar o mundo” e por isso, como corrobora Latour (2021), estamos sempre sujeitos a nos pautarmos por nossa visão local, do lugar onde nos inserimos espacial e culturalmente, porque visualizar o todo nunca está ao nosso alcance. Para ele, mesmo as ciências chamadas “exatas”, como a de dados e estatísticas, nas quais tanto confiamos e prestigiamos, compõem-se de visões locais reunidas e não de uma visão total privilegiada. Por isso, é preciso que exercitemos a alteridade, a troca de lentes ou de local, mesmo que seja de forma imaginária, de modo que possamos dissolver o que é óbvio e construir caminhos diferentes que levem os humanos, nós, ao contato harmônico com o mundo, como o fazem os animais não-humanos (os mesmos que exploramos, caçamos e exterminamos), que não destroem seus próprios habitats e ambientes, como nós fazemos talvez sem nos darmos conta. Observá-los é exercer alteridade.

Esse exercício de alteridade está muito presente não só na literatura, mas nas artes em geral e consiste em ocupar um lugar diferente daquele que ocupamos como sujeitos; seja assistindo um filme, lendo uma narrativa ou um poema, observando uma pintura ou ouvindo uma história cujo protagonista não somos nós. Essa alteridade, em uma visão mais próxima da ecologia, seria um colocar-se no lugar de um sujeito não-humano; esse tipo de representação sempre esteve presente nas artes, mas hoje está ainda mais, o que se constitui em um movimento de olhar sob outra perspectiva para o mundo e por vezes para o meio ambiente, de forma que o humano acaba descentralizado (Sorrentino, 2006, p. 96). O contato com essas representações é transformador porque exige que nós percorramos caminhos improváveis com a imaginação e, dessa forma, seja como prática ou observação e interação, as pessoas desenvolvem capacidades emocionais, narrativas e imaginativas, que são habilidades fundamentais para a humanidade hoje (Petit, 2019, p. 10). Esse papel da literatura Rita Therezinha Schmidt consegue descrever com clareza:

O fato de os textos literários conjugarem diferentes visões de mundo que suscitam questionamentos sobre a vida e o viver através de imaginários e elaborações de

realidades que foram ou são objeto de explicações científicas ou de reflexões filosóficas, faz da literatura um espaço diferenciado de produção de conhecimentos. As elaborações estético-verbais da interdependência entre vida social e mundo natural, amparadas na compreensão de que nossa existência enquanto seres humanos, depende da coexistência com outras formas de vida de um mundo não humano, interpela as subjetividades de leitores e leitoras quanto a práticas de vida, no sentido de descortinar possibilidades de (re)imaginar a arte da convivência e da coexistência, em um cenário em que essa arte está extinta, senão quase, e precisa ser urgentemente reinventada. (Schmidt, 2015, p. 21)

A leitura por si só permite a “construção e reconstrução de si mesmo” (Petit, 2010, p. 23), pois gera no leitor identificação com o que é lido: vivências, sentimentos, existências e visões. Quando se inclui alteridades animais na leitura, podemos “mais do que comparar os *mundos humanos* aos *mundos animais* [...] explorar a intensa complexidade de cada um deles” (Maciel, 2007, p. 201), o que significa acessar um lugar que está além do nosso próprio, um lugar da esfera do inumano (*idem*, p. 202) e, portanto, um lugar completamente novo, de reconstrução subjetiva.

## Ecocrítica e ensino de literatura

### A ecocrítica

A ecocrítica é uma perspectiva de análise literária que se volta para a relação entre humano e ambiente – que inclui humano e plantas, humano e animais, humano e planeta – na forma como é representada principalmente em obras literárias.

[...] a ecocrítica é o estudo da relação entre a literatura e o ambiente físico. Assim como a crítica feminista examina a língua e a literatura de um ponto de vista consciente dos gêneros, e a crítica marxista traz para sua interpretação dos textos uma consciência dos modos de produção e das classes econômicas, a ecocrítica adota uma abordagem dos estudos literários centrada na Terra (Glotfelty, 1996 *apud* Garrard, 2006, p. 14).

Ela se soma, então, às abordagens políticas das obras literárias, isto é, aquelas que analisam uma peça literária com um olhar voltado à sociedade, às suas práticas, suas formas de ser e de se gerir ou dirigir e que têm como objetivo somar vozes com movimentos sociais: os feminismos, os movimentos antirracistas, os movimentos anticapitalistas e, do que tratamos aqui, os movimentos ecológicos ou ambientalistas. Apesar de este trabalho propor-se a falar da literatura com maior foco, a ecocrítica também se volta à cultura e seus produtos de modo geral, não se restringindo às criações literárias, e busca observar e pensar sobre “a relação entre o humano e o não-humano” – essa seria a melhor forma de definir seu objeto de estudo (Garrard, 2006, p. 16).

O ecocrítico almeja rastrear as ideias e as representações ambientalistas onde quer que elas apareçam, enxergar com mais clareza um debate que pode vir ocorrendo [...] em inúmeros espaços culturais. Mais do que tudo, a ecocrítica procura avaliar os textos e as ideias em termos de sua coerência e utilidade como respostas à crise ambiental. (Kerridge, 1998 *apud* Garrard, 2006, p. 15).

Como já esclarecido anteriormente, a ecologia como movimento social atravessa as diversas áreas do conhecimento hoje; o entendimento de que precisamos olhar sob outra perspectiva para nossa relação com o ambiente, ou com o que não é humano, difunde-se cada vez mais e torna-se amplo. Para Garrard, esse alcance da ecologia é na verdade um novo momento que surge para a ciência, para a cultura e para o próprio ser humano, um momento de cooperação entre todos os campos do conhecimento possíveis para uma reformulação do próprio conhecimento e a forma que o produzimos.



[...] os problemas ambientais requerem uma análise em termos culturais e científicos, porque são o resultado da interação entre o conhecimento ecológico da natureza e sua inflexão cultural. Isso implicará estudos interdisciplinares que recorrem às teorias literárias e culturais, à filosofia, à sociologia, à psicologia e à história ambiental, bem como à ecologia. (Garrard, 2006 p. 29)

A participação de todos, ou seja, a cooperação é justamente um dos conceitos centrais do ambientalismo que são necessários para a construção de uma educação ambiental, segundo Marcos Sorrentino (2006, p. 98), que seja capaz de criar indivíduos conscientes de seu pertencimento com o coletivo planetário e, portanto, responsáveis pela preservação dele.

Assim, nesse cenário que congrega natureza, cultura e sociedade, relacionados com as discussões sobre temas ambientais importantes presentes na literatura, surgiu a ecocrítica, cuja “[...] ênfase na interdisciplinaridade assume que as humanidades e as ciências devem dialogar e que seus debates devem ser informados igualmente pela atividade crítica e criativa”. (Guida e Melo, 2023, p. 4)

A ecocrítica seria então o mais novo produto do movimento ambientalista, que constrói relações, estando quase em uníssono, com outras movimentações que se dão em outros âmbitos, como o da educação, mas que se voltam todas a esse centro ocupado pela ecologia, como elucidado anteriormente também neste trabalho. O encontro entre ecocrítica, ambientalismo, educação e literatura é ainda um exemplo concreto da interdisciplinaridade sobre a qual tanto falam os ambientalistas.

### Antropocentrismo e descentramento

Se para Garrard a ecocrítica surge em um novo momento que se abre para a humanidade culturalmente, outros autores apontam também uma crise do que estava estabelecido anteriormente. Já que é próprio das mudanças e das transformações que algo novo se estabeleça em detrimento do que já estava e que o novo sobreponha o velho, não há razão para se surpreender com a perspectiva de uma crise que acontece simultaneamente a essas transformações.

Estaria em crise a construção do conhecimento de forma objetiva e com distanciamento máximo do objeto conhecido? Também a sua fragmentação, de forma que aquele que o estuda possa se especializar ao máximo e esgotar o que se pode conhecer sobre esse objeto? O pensamento racional como o conhecemos, que tem grande influência de René Descartes, filósofo que definiu a razão como a primeira prova da existência, tem deixado de ser

suficiente e satisfatório para nossa realidade. Isso se dá porque valorizar ao máximo a biologia e a física como as únicas explicações possíveis para o funcionamento do mundo, relegando ao conhecimento das chamadas “humanidades” um lugar de menor prestígio e de marginalização, alinha-se à busca da máxima eficiência da sociedade capitalista que nos tornamos nos últimos séculos e torna-se, assim, a razão por trás da destruição ambiental empreendida pelo ser humano (Carvalho, 2011, p. 114).

Ironicamente ou não, é essa mesma destruição que criou a urgência de se pensar em como pará-la e colocou em crise o paradigma da ciência. Para evitarmos o cataclismo, o fim dos tempos ou, o que ainda não assimilamos totalmente, o fim da humanidade como a conhecemos, um caminho que tem se mostrado promissor é o de repensar esse paradigma e outros e buscar formas de propor e construir novos que nos levem por caminhos diferentes daqueles que a ciência puramente objetiva e o desenvolvimento industrial e tecnológico maximamente eficiente nos levou: caminhos da exploração de animais, florestas, solos, oceanos e tudo o mais que podemos chamar de natureza – cada pequeno elemento que integra esse conjunto já deve ter sido explorado de alguma forma pelo ser humano.

Essa crise de paradigma talvez seja ainda uma das instâncias de uma crise mais ampla, da visão de mundo predominante em nosso tempo: o antropocentrismo, isto é, o ser humano como o centro de todos os valores, da moral, da ciência, da tecnologia, das artes e da totalidade do mundo. A vida humana hoje se fundamenta no próprio humano: o que produzimos, em todos os âmbitos, desde a indústria até a cultura, tem o ser humano como aquele de maior valor e tem o objetivo de atendê-lo para melhorar sua própria vida, dando-lhe conforto, satisfação e prazer, mesmo que o custo disso seja muito alto ao meio ambiente, aos animais, ao planeta ou aos seus próprios pares – e assim se dá a exploração e a segregação da sociedade em grupos marginalizados em detrimento de outros privilegiados.

Tanto para Garrard, estudioso importante dentro da ecocrítica, quanto para Rosi Braidotti, filósofa referenciada que estuda a condição humana e pós-humana na contemporaneidade, a crise do antropocentrismo significa uma travessia para um novo momento da crítica e da cultura e um novo momento até para o pensamento humano. Ela chama atenção para o fato de que há quem defenda a existência de um processo em curso de descentramento da figura humana em seu próprio mundo e universo (Braidotti, 2013, p. 2). Já Ian Angus (2023, p. 36) propõe que esse descentramento já representa uma “segunda revolução copernicana”, porque, segundo seu entendimento, já compreendemos o bastante sobre a

influência mútua que existe entre o humano e o não-humano para que possamos perceber que a humanidade não é então “a medida de todas as coisas”. Portanto, não deveríamos ser a espécie que domina todas as outras e o mundo ao seu redor e que lhes dedica exploração intensa.

### Ecocrítica no ensino de literatura

A educação é um dos meios que a sociedade tem de se transformar de forma positiva e deve buscar contribuir para tornar os indivíduos que por ela passam seres autônomos, capazes de questionar até o próprio sistema que os criou (Castoriadis, 1998 *apud* Sorrentino, 2006, p. 99). Já a literatura, juntamente com as artes, é capaz de proporcionar às pessoas uma identificação com aquilo que as cerca, com o mundo que habitam (Petit, 2019, p. 12). Isso se deve por ela ser uma criação humana que evoca diferentes visões de mundo (Schmidt, 2015, p. 22) para transmitir ideias, sentimentos e tudo aquilo que é próprio do humano e de seu mundo. A inclusão da perspectiva da ecocrítica dentro do ensino de literatura já existente se faz coerente, então, pois contribui para uma formação cidadã à medida que coloca o estudante diante de questões existenciais humanas decisivas, atuando no desenvolvimento de seu olhar crítico voltado à forma que o ser humano se coloca no mundo e se relaciona com o que o cerca. Além disso, criar perspectivas novas e transformadoras da realidade em jovens estudantes é um processo atravessado pelas reflexões éticas singulares que a literatura proporciona, como afirma Schmidt:

Discernir nos textos as diferentes formas de imaginar a experiência de vida humana, na sua dimensão social, política e ecológica é reconhecer o poder simbólico-cognitivo das imagens no sentido de um saber que, potencialmente, se contrapõe aos reducionismos sistêmicos de práticas econômicas, políticas, sociais e culturais. (Schmidt, 2015, p. 21)

Se para Sorrentino (2006) a educação ambiental deve ser revolucionária, por causa da urgência das mudanças que transformarão a sociedade atual em uma sociedade sustentável e evitarão qualquer cataclismo, para a realidade da educação brasileira de hoje, propor uma abordagem tão contemporânea como a ecocrítica para a sala de aula já representa uma ação de impacto muito positivo. É importante ressaltar ainda que a abordagem dos textos literários deve ser pensada como transversal e esses mesmos textos podem ser usados também em outras disciplinas, extrapolando os estudos literários.

## Seleção de obras literárias

### Proposta

Tendo como base tudo que foi levantado em relação aos objetivos da educação ambiental e as temáticas e reflexões da ecocrítica, este trabalho se propõe a sugerir possibilidades de análises de textos literários buscando temas que fazem parte dos estudos críticos ecológicos.

As obras selecionadas foram publicadas no século XX, em sua maioria, e são localizadas em dois momentos: o Modernismo Brasileiro e a Contemporaneidade. Nelas, encontramos temáticas de cataclismos, de representação animal, de representação da subjetividade humana frente à subjetividade animal, de críticas à urbanização acelerada e ainda outros.

A exemplo, nos poemas *Memórias do boi Serapião*, de Carlos Pena Filho, e *Um boi vê os homens*, de Carlos Drummond de Andrade, são construídas perspectivas de um bovino que observa os humanos. Cada um tem sua própria lente, mas ambos tecem críticas à humanidade através de sua visão – o que se constitui em uma alteridade – e expressam “saberes diferenciados sobre o mundo” (Maciel, 2007, p. 198). Através do contato com essas representações, podemos refletir sobre os problemas que existem não somente na exploração de recursos que nossa espécie empreende contra a natureza, mas também sobre como vemos as outras formas de vida, entendendo enfim a dependência que existe entre humanos, não-humanos e ambiente (Sorrentino, 2006, p. 97). O exercício de crítica literária aqui proposto visa ainda desconstruir visões tradicionais do animal não-humano como “autômato natural [...] destituído de alma racional” e incapaz de se comunicar ou ter sentimentos (Schmidt, 2015, p. 15).

As análises propostas aqui têm o objetivo de contribuir para a inserção da ecocrítica no ensino de literatura da educação básica como forma de tratar de temas ambientais de forma transversal na literatura, mas principalmente como forma de propiciar transformações no pensamento e na visão dos leitores e alunos, sempre em busca de conscientizá-los sobre o seu próprio papel e participação nas relações que se dão entre humano e ambiente (Sorrentino, 2006, p. 98). Essas transformações ficam mais urgentes a cada dia que passa em vista das catástrofes climáticas que já não são mais previsões e do fato de elas serem ignoradas pelas políticas de governos do mundo todo (Schmidt, 2015, p. 13).

É o ideal de sujeito ecológico que este trabalho propõe que se busque: o sujeito cujo “modo de ser e viver (é) orientado pelos princípios do ideário ecológico”, que pratica cotidianamente “atitudes e comportamentos ecologicamente orientados” e que é “protagonista de novo paradigma político-existencial” (Carvalho, 2011, p. 67).

Neste trabalho, porém, não serão encontradas sugestões de metodologias de ensino, tampouco serão esgotadas as possibilidades de análise das obras literárias sob o olhar da ecocrítica, que são inúmeras e muito amplas.

### Exploração e maus-tratos de animais e construções de alteridade

Carlos Pena Filho foi um escritor recifense nascido em 1929 e escreveu principalmente poesias. *Memórias do boi Serapião* foi seu segundo livro e traz ilustrações e uma poesia que se constitui quase como uma narrativa, cujo narrador é o boi Serapião.

Quando o sol doer nas coisas  
da terra e no céu azul  
e os homens forem em busca dos verdes mares do sul,  
  
só eu ficarei aqui  
para morrer por completo  
para dar carne à terra  
e ao sol meu branco esqueleto,  
  
nem ao menos tentarei  
voltar ao canavial,  
pra depois me dividir  
entre a fábrica de couro  
e o terrível matadouro  
municipal. (Filho, 1955)

O texto é a representação do pensamento do boi que olha para os “homens”, que são as pessoas que habitam, como ele, o sertão nordestino. O animal, em determinado momento da poesia, fala sobre eventualmente essas pessoas se retirarem em busca de uma vida melhor, os “mares verdes do sul”, onde não há seca, alusão ao movimento migratório que existe da Região Nordeste para a Região Sudeste que, neste caso, resultará no seu abandono.

O boi escolhe permanecer onde está e aceita o destino que será seu próprio fim e, ao final, entende-se que sua escolha se apoia em um sentimento de orgulho, já que se nega a ir ao matadouro e entregar-se nas mãos dos “homens”; prefere que sua carne e seu couro não sejam divididos, tornando-se mercadoria, mas sim que vá à terra e passe a fazer parte dela.

O boi Serapião representa a construção de alteridade do texto, pois carrega consigo sua própria perspectiva sobre sua vida, a vida dos humanos e sobre o mundo (Maciel, 2007, p. 198). Também possui seus próprios valores, que expressa através da sua escolha de permanecer e morrer naturalmente, misturando-se à terra.

O texto coloca o leitor de frente aos dilemas de um boi, que sensibilizam ao nos fazer imaginar a vida dura que o bovino, o animal cuja carne é mais amplamente consumida na cultura ocidental e por isso um dos que mais foram reduzidos a coisas, pode levar quando nos conta: “este campo, vasto e cinzento, não tem começo nem fim”; “[...] o pó que cega meus olhos e a sede que rói meus ossos”; “no verão, quando não há capim na terra e milho no paiol solenemente mastigo areais, pedras e sol” (Filho, 1955).

O boi se vê entre escolher morrer pela seca infalível do sertão nordestino ou pelas mãos daqueles que o têm por matéria-prima – aqui nos encontramos diante de uma grande problemática atual: a indústria que se formou com a exploração dos bovinos, onde “do boi nada se perde, tudo se transforma”, como diz a matéria do *site Tribuna*, que entrevista um engenheiro agrônomo e reproduz sua fala: “o frigorífico [...] é uma fábrica de desmontagem” (Saiki, 2005).

Serapião também tem memória e, durante o poema, suas reminiscências são de saudosismo em relação à sua infância, o que também é representado nas poesias de Manoel de Barros – de quem falaremos logo mais. Porém, as do boi nos soam mais doídas, pois os bovinos são animais dominados, mas não se cuida bem deles, como o próprio Serapião diz: “e pensar que já houve um tempo em que estes homens compridos falavam de nós assim: o meu boi morreu que será de mim?”. Aqui, também o boi nos lembra que, diante de qualquer catástrofe, os seres humanos são os mais habilitados a se salvar e os animais, principalmente os que não são selvagens, são abandonados e não se salvam caso não tenham a sorte do cavalo Caramelo, cujo resgate foi amplamente noticiado para todo o Brasil durante enchentes no Rio Grande do Sul em maio de 2024 (Fantinel, 2024, p. 4). Assim aconteceu com os 170 animais que, se não tivessem sofrido com a fatalidade, seriam comercializados em uma rede de lojas *pet shop* (Rodrigues, Pillar e Borges, 2024, p. 12).

*Memórias do boi Serapião* mostra, então, ser um exemplo de obra literária que é capaz de, através de sua construção de alteridade, contribuir com reflexões e debates sobre ecologia, passível de ser analisada sob o olhar da ecocrítica.

Dentro da mesma temática, merece destaque o poema *Um boi vê os homens*, de Carlos Drummond de Andrade, escritor que nasceu em 1902 em Minas Gerais, escreveu

principalmente poesia e foi um dos maiores nomes do Modernismo brasileiro, principal movimento literário do século XX. Hoje, Drummond figura entre os maiores poetas brasileiros.

Tão delicados (mais que um arbusto) e correm  
e correm de um para outro lado, sempre esquecidos  
de alguma coisa. Certamente, falta-lhes  
não sei que atributo essencial, posto se apresentem nobres  
e graves, por vezes. Ah, espantosamente graves,  
até sinistros. Coitados, dir-se-ia não escutam  
nem o canto do ar nem os segredos do feno,  
como também parecem não enxergar o que é visível  
e comum a cada um de nós, no espaço. E ficam tristes  
e no rastro da tristeza chegam à crueldade.  
Toda a expressão deles mora nos olhos – e perde-se  
a um simples baixar de cílios, a uma sombra.  
Nada nos pelos, nos extremos de inconcebível fragilidade,  
e como neles há pouca montanha,  
e que secura e que reentrâncias e que  
impossibilidade de se organizarem em formas calmas,  
permanentes e necessárias. Têm, talvez,  
certa graça melancólica (um minuto) e com isto se fazem  
perdoar a agitação incômoda e o translúcido  
vazio interior que os torna tão pobres e carecidos  
de emitir sons absurdos e agônicos: desejo, amor, ciúme  
(que sabemos nós?), sons que se despedaçam e tombam no campo  
como pedras aflitas e queimam a erva e a água,  
e difícil, depois disso, é ruminarmos nossa verdade. (Andrade, 2022, p. 25)

No poema, é construída uma figura animal que olha de fora os humanos e nos dá suas impressões, o que, assim como o texto de Carlos Pena Filho, também constitui um exercício de alteridade. Muito se fala no ambientalismo e na ecocrítica sobre entender o ser humano como um vivente que coabita o planeta com outros viventes que não têm necessariamente menos competências (Maciel, 2007, p. 198). O poema parece justamente nos dizer isso, quando o boi afirma que “certamente, falta-lhes não sei que atributo essencial” ao falar dos “homens” que vê, e sobre como “parecem não enxergar o que é visível e comum a cada um de nós, no espaço”. Na visão do boi, é ao humano que faltam competências que o permitam perceber o mundo a sua volta, visão que contrapõe a vigente, que toma como verdade uma suposta distinção e superioridade da espécie humana.

Se fizermos recortes, há muito o que se discutir dentro do texto. No verso “e ficam tristes e no rastro da tristeza chegam à crueldade”, por exemplo, encontramos um percurso que não é plausível frente à suposta racionalidade e superioridade da espécie humana, o que constitui uma crítica do boi à humanidade: como poderia um ser superior dotar-se de ingenuidade a ponto de ser movido por suas emoções, indo da tristeza à crueldade, como se não fosse dono de si? Mais uma vez, o boi nos faz refletir sobre o que é ser humano e sobre a

validade de ocuparmos a posição de centro de todas as coisas, onde insistimos em estar. O texto nos faz pensar ainda sobre o que é essa falta que inviabiliza à humanidade a percepção de sua própria condição de espécie limitada e frágil, “carecidos de emitir sons absurdos e agônicos: desejo, amor, ciúme” e que nos leva à impossibilidade de nos organizarmos “em formas calmas, permanentes e necessárias”, como diz o boi.

As duas representações dos bois e de seus pensamentos nos convidam a inverter a “concepção negativa e antropocêntrica do mundo zoo” (Maciel, 2023, p. 58) que nos leva, por exemplo, a usar a palavra “animal” como termo pejorativo e tratá-la como categoria na qual o ser humano não se insere. Também deixam claras as formas problemáticas de tratar os animais – sujeitando-os a maus-tratos – que praticamos como espécie, bem como nosso desprezo pelos outros viventes, subjugando-os e renegando-lhes qualquer subjetividade, já que os enxergamos como coisas sem uma existência concreta.

#### O retorno à natureza e o reencontro

Em *José de Nanuque*, crônica de Carlos Drummond de Andrade presente em *Caminhos de João Brandão*, o autor não se utiliza de construções de alteridade, porque o narrador é humano – percebemos quando pergunta “E quem disse que andamos sós, se andamos tão acotovelados pelas avenidas da Terra?”, pois as formas verbais conjugadas em primeira pessoa do plural trazem como sujeito a população do mundo, citada anteriormente e na qual o narrador se inclui. O fato precedente da crônica, de onde o texto parte, é a busca de vida fora do planeta Terra empreendida pela humanidade desde os primórdios da astronomia, porém com mais intensidade a partir do desenvolvimento das tecnologias espaciais que começou na década de 1950 (Rodrigues e Silva, 2016, p. 221), sendo que a crônica em questão é de 1965: “Como se não bastasse o excesso de população deste mundo, os homens estão detectando a existência de outros mundos habitados, no espaço sideral, e suspiram, emocionados: *Não estamos sós*” (Andrade, 2016, p. 31).

O texto, através de muita ironia, satiriza a modernização e as novas concepções de civilização que surgiam na época. Ao retirar José Pedro dos Santos da mata onde vivia e levá-lo à capital, como é narrado, negam-lhe qualquer tipo de suporte sem que se perca, porém, o entusiasmo com as “maravilhas da civilização”. O desamparo fica sendo a principal oferta desse povo civilizado a José.



- Venha rapaz! Queremos que participe das maravilhas da civilização!
  - Vocês me arranjam casa pra morar?
  - Bem, isso atualmente está difícil, José.
  - Emprego?
  - Só se você for concursado, e houver vaga.
  - E comida?
  - Depois nós conversamos. Venha depressa, estão nos chamando de outras galáxias!
- (Andrade, 2016, p. 31).

O narrador nos conta ainda sobre os privilégios que José desfrutava por não tomar parte no modo civilizado de viver e sobre como fazendeiros se incomodavam com sua presença na mata e “reclamavam contra esse homem estranho, embrenhado no mato, fazendo Deus sabe lá o quê” (Andrade, 2016, p. 31). José é rechaçado por essas outras figuras que são consideradas civilizadas, pois seguem os protocolos sociais, principalmente os urbanos, o que ele não faz. Drummond constrói efeito cômico através do escândalo que se cria entre os personagens por causa do fato de que José “não produz, não rende, e, embora não pese a ninguém, pesa globalmente no espírito de todos, com o seu mistério” (*idem, ibidem*). E completam: “Que ideia faz esse sujeito do contrato social?” (*idem*, p. 32).

A crítica à civilização em toda a sua hipocrisia e à sua supervalorização não se dá somente na construção irônica e satírica; o narrador, ao final, fala diretamente sobre as mazelas da humanidade urbana e dita civilizada que fizeram com que José voltasse ao que chama de estado natural: “[...] o pânico. Em cada homem vê um perigo, em cada situação uma ameaça, em cada palavra uma condenação”, “inocente, faltavam-lhe as provas negativas de sua inocência” e “a solução era virar bicho”. O retorno ao estado natural que o personagem da crônica realiza é um ideal que está associado ao filósofo Jean-Jacques Rousseau, que acredita que a natureza e o que a constitui estão do lado oposto ao processo histórico que cria moléstias, egoísmo, hipocrisia, escravidão e desigualdade social na humanidade e, portanto, reaproximar-se dela é “manter a proximidade entre homem e universo” (Hermann, 2009, p. 97). O narrador ainda diz que, voltando para a cidade, José “é condenado a viver como os outros, no grau inferior”, deixando ainda mais clara a proposição da crônica de que o que se chama de civilização na verdade não é superior à sua alternativa.

A crônica termina quando “trazem José para a capital, incorporam-no ao estranho maquinismo, ao estatuto do sombrio, inexplicável” e sintetiza as verdades absolutas e científicas que o levam até lá: “Todos são iguais perante a lei. Não estamos sós” (Andrade, 2016, p. 32), suscitando no leitor questionamentos acerca da validade do discurso científico absoluto e da positividade desse lugar de civilização que a humanidade alcançou.

O texto dialoga com a ecocrítica e com os preceitos da educação ambiental em relação à valorização da proximidade com a natureza e da convivência equilibrada com o meio ambiente em contraponto à vida em uma sociedade modernizada, urbanizada, capitalista e industrial. Esses são temas que se inserem nos debates de descentramento do humano e desconstrução do antropocentrismo, processos que já estão em curso e que constroem novas visões, fundamentais para o enfrentamento das crises ambientais do planeta.

### Onde as espécies se encontram

Manoel de Barros muito fala em suas poesias sobre comungar com a natureza. O poeta, nascido em 1916, passou boa parte de sua vida morando em uma fazenda no Pantanal (Barros, 2015). Em seus versos, há sempre algo sobre infância ou sobre imagens da natureza do bioma pantaneiro.

Desde o começo do mundo água e chão se amam  
e se entram amorosamente  
e se fecundam.  
Nascem peixes para habitar os rios.  
E nascem pássaros para habitar as árvores.  
As águas ainda ajudam na formação dos caracóis e das  
suas lesmas.  
As águas são a epifania da criação.  
Agora eu penso nas águas do Pantanal.  
Penso nos rios infantis que ainda procuram declives  
para escorrer.  
Porque as águas deste lugar ainda são espreiadas para  
alegria das garças.  
Estes pequenos corixos ainda precisam de formar  
barrancos para se comportarem em seus leitões.  
Penso com humildade que fui convidado para o banquete dessas águas.  
Porque sou de bugre.  
Porque sou de brejo.  
Acho agora que estas águas que bem conhecem a  
inocência de seus pássaros e de suas árvores.  
Que elas pertencem também de nossas origens.  
Louvo portanto esta fonte de todos os seres e de todas  
as plantas.  
Vez que todos somos devedores destas águas.  
Louvo ainda as vozes dos habitantes deste lugar que  
trazem para nós, na umidez de suas palavras, a boa  
inocência de nossas origens. (Barros, 2010, p. 455)

Manoel de Barros imprime imagens em seu conjunto poético *Menino do mato* nas quais são parte de um todo crianças, adultos, animais, plantas e todos os elementos que integram a paisagem ou o espaço geográfico – sol, rios, margens, morro e ainda outros. Ele também evidencia sua origem comum: “as águas são a epifania da criação”. O atributo da gênese dos

seres vivos à água é tema também de *Saudações aos rios*, texto de Ailton Krenak, que soma vozes nesse culto às águas: “estamos em todos os lugares, pois em tudo estão os nossos ancestrais, os rios-montanhas, e compartilho com vocês a riqueza incontida que é viver esses presentes” (Krenak, 2022, p. 8). No poema, como se fossem irmãos, os seres concebidos pela água e pelo chão dependem uns dos outros e também da “fonte de todos os seres e de todas as plantas”, que é a natureza. À medida que o poeta sobrepõe imagens do mundo natural, comparando a luz que se espalha nas águas de um rio no nascer do sol com uma garça de asas abertas “na solidão de uma pedra” (Barros, 2010, p. 428), mistura na linguagem espaço geográfico, plantas e animais com ele próprio: “Esses meninos faziam parte do arrebol como os passarinhos” (*Idem*, p. 451).

Barros também constrói inversões de linguagem que dão protagonismo a elementos não-humanos, o que se constitui como representação também de alteridade: no fim da tarde, é o morro que encosta no sol; a tarde cresce para dentro do mato; quando se perdem em algum caminho pela mata, a mata é que os perdeu de rumo; a noite é um lugar onde se pode estar à beira.

O poema VI, transcrito acima, é especialmente fértil para diálogos dentro de temas ecológicos. O poeta, ao falar sobre a importância da água para as diversas formas de vida do planeta e através de sua rica criação poética, mostra como estão em comunhão os bichos, as plantas, ele próprio – um sujeito humano – e o conjunto água e terra que “desde o começo do mundo [...] se amam e se entram amorosamente e se fecundam” (*Idem*, p. 455). O poema fala sobre o surgimento e a manutenção da vida, evocando a beleza que há na harmonia entre os seres e o ambiente e que é essencial para nossa sobrevivência.

Novamente, as imagens sobrepostas que Manoel de Barros constrói nos faz redescobrir que temos uma relação com a natureza, que a modificamos e ela nos modifica e ambos dependem um do outro para continuar a existir, o que por vezes perdemos de vista na vida tumultuada, no maquinismo e no estatuo sombrio – como nos diz o narrador de *José de Nanuque* – que é a vida na sociedade urbana, civilizada e capitalista de hoje. Esse deveria ser um dos objetivos centrais da educação ambiental, segundo Sorrentino: a de desenvolver no indivíduo que a recebe a capacidade de observar, analisar criticamente e questionar tudo que o cerca, até mesmo o próprio sistema que o criou (2006, p. 99).

Manoel de Barros era um poeta pantaneiro, porque passou boa parte da vida morando em fazenda no Pantanal de Mato Grosso, mas também porque amava e se sentia parte do

Pantanal. Para Alfredo Bosi, a poesia de Barros contrasta com seu contexto de aceleração e modernização que vive a humanidade no século XX e com seu contexto de produção literária também:

Em paralelo ao que aconteceu com a prosa de ficção que, de engajada e testemunhal, passou a individualista extremada, a poesia deste fim de milênio parece ter cortado as amarras que a pudessem atar a qualquer ideal de unidade, quer ético-político, quer mesmo estético, no sentido moderno de construtivo de um objeto artístico. [...] Em face desse quadro, impensável sem a aceleração dos processos modernizantes do capitalismo e da indústria cultural, vale ressaltar, pelo contraste, a coerência vigorosa e serena da palavra de Manoel de Barros, nascida em contato com a paisagem e o homem do Pantanal. (Bosi, 2017, p.522)

Em sua obra, ficam claros os seus amores pelo bioma, que é único e riquíssimo em biodiversidade, e vemos como o poeta se mistura ao ecossistema – fauna, flora e Manoel definitivamente coabitam o Pantanal e parecem ser um só. Por isso, a poesia de Manoel de Barros pode contribuir para pensarmos sobre o afastamento que a humanidade tomou do meio ambiente, para nos compreendermos como parte indissociável dele e para sermos capazes de enxergar que qualquer destruição que emprendermos contra ela é também uma destruição contra nós mesmos.

### Vozes originárias

Assim como outras obras que estão neste trabalho, *A vida não é útil* questiona a validade, ou mesmo a viabilidade, do que chamamos de civilização. Ailton Krenak, o autor, é líder indígena e tem origem na etnia krenak, grupo que se situa também nas proximidades do Rio Doce. O escritor se tornou o primeiro indígena imortal da Academia Brasileira de Letras recentemente.

Nós estamos, devagarzinho, desaparecendo com os mundos que nossos ancestrais cultivaram sem todo esse aparato que hoje consideramos indispensável. Os povos que vivem dentro da floresta sentem isso na pele: veem sumir a mata, a abelha, o colibri, as formigas, a flora; veem o ciclo das árvores mudar. Quando alguém sai para caçar tem que andar dias para encontrar uma espécie que antes vivia ali, ao redor da aldeia, compartilhando com os humanos aquele lugar. O mundo ao redor deles está sumindo. Quem vive na cidade não experimenta isso com a mesma intensidade porque tudo parece ter uma existência automática: você estende a mão e tem uma padaria, uma farmácia, um supermercado, um hospital. (Krenak, 2020, p. 53)

Como pessoa indígena, o autor traz diversas perspectivas que se diferenciam do entendimento de mundo que as pessoas não-indígenas têm. A leitura, por isso, é frutífera;

Krenak constrói uma espécie de conversa com o leitor através de um texto que ora é relato, ora é memória e por vezes faz reflexões. À medida que conta de sua vida, da juventude vivida em contato com natureza e de suas experiências como escritor e intelectual, Krenak faz críticas à relação do humano com a natureza, sempre evidenciando casos de degradação e de mudança das dinâmicas de ecossistemas, rios ou matas e o papel das ações humanas como causadoras.

Do lamento pungente nos versos de “Terra desolada” (1922) de T. S. Eliot, do processo irreversível de destruição da floresta pelo progresso no conto “O urso” (1942), de William Faulkner, do assombro e da dor diante da terra nua de *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos, da inquietante e soturna sátira de *A revolução dos bichos* (1945), de George Orwell, à tragicomédia de contaminação química em *White noise* (1985), de Don DeLillo, a literatura desenha uma geografia dos nossos pesadelos no centro dos quais está o ser humano como principal agente causal. (Schmidt, 2015, p. 20)

Ailton Krenak, apesar de não aparecer na enumeração de Rita Terezinha Schmidt, em sua introdução do livro *Sustentabilidade: o que pode a literatura?*, também “desenha uma geografia dos nossos pesadelos” perfeitamente e nos coloca no centro como agentes causadores de forma muito clara: “o modo de vida ocidental formatou o mundo como uma mercadoria e replica isso de maneira tão naturalizada que uma criança que cresce dentro dessa lógica vive isso como se fosse uma experiência total” (Krenak, 2020, p. 54). Em *A vida não é útil*, o autor assume postura fortemente crítica ao falar do modo de viver dos “brancos” – nome que ele dá às pessoas que não são indígenas ou que não são parte de uma cultura de povos originários.

As obras de Ailton Krenak têm muito a contribuir para as discussões do ambientalismo e da ecocrítica e para a educação ambiental, porque representam uma voz e um olhar de fora da cultura hegemônica do mundo ocidental – a que se baseia no capital, consumo, trabalho e principalmente na exploração do meio ambiente. Das literaturas indígenas, que, como a de Krenak, trazem um olhar tão distinto, temos muito a aprender, pois constituem um “instrumento de transformação do mundo, por permitir que o leitor passe a entender uma outra forma de se relacionar com o meio em que vive” (Oliveira, 2015, p. 65). O autor evidencia ainda que “os povos originários resistem a essa investida do branco porque sabem que ele está enganado” e que “estamos colados no corpo da Terra” (Krenak, 2020, p.59) e por isso todos fazemos parte dela.

Portanto, *A vida não é útil* também é uma obra de grande relevância para se pensar a ecocrítica, assim como os outros escritos de Ailton Krenak – *Ideias para adiar o fim do mundo e Futuro ancestral*, por exemplo. A partir delas, podemos buscar refletir sobre outras formas de existir no mundo e, principalmente, outras formas de se relacionar com o ambiente,

desconstruindo a ideia de que a civilização como é hoje é o único caminho que a humanidade pode tomar.

### Os animais como sujeitos

As primeiras duas frases do curto texto *Tentação*, de Clarice Lispector – uma das mais reconhecidas escritoras da prosa brasileira, apesar de nascida na Ucrânia em 1920 –, já nos apresentam uma personagem que está tomada de incômodos: era uma menina que soluçava, numa cena de claridade – fazia muito sol – e era ruiva, o que não seria um problema se ela não habitasse uma “terra de morenos” (Lispector, 1999, p. 61). Desde as primeiras linhas, o narrador parece tentar nos transmitir o distanciamento que havia entre a personagem e o mundo que habitava, ou que não conseguia habitar – para o filósofo Henri Gaudin, habitar é se familiarizar com o que está ao nosso redor (Gaudin, 1996, p. 22 *apud* Petit, 2019, p. 12) –, e nos falar sobre como ela se sentia deslocada pelo fato de ser ruiva: “Que fazer de uma menina ruiva com soluço? Olhamo-nos sem palavras, desalento contra desalento” (Lispector, 1999, p. 61). O soluço acrescenta ainda mais profundidade à condição de desarranjo da menina, que merece mesmo piedade, porque também o soluço é casual: não há o que fazer para ajudá-la, nem as pessoas nem ela própria.

Toda aquela circunstância de estranhamento e deslocamento ameaça mudar quando surge na história um cachorro da raça basset, o qual o narrador chama de “a sua outra metade neste mundo” (Lispector, 1999, p. 61), porque o cachorro era também ruivo. A atenção da garota se volta toda ao cão, que para diante dela. Por um instante, o cachorro e a menina se olham e Clarice nos deixa o mistério em relação ao que pensava a garota e o cão, talvez porque também lhe é desconhecido, mas diz que “eles se fitavam profundos, entregues, ausentes [...]” (*Idem*, p. 62). Esse momento muito se assemelha à silenciosa troca de olhares entre Derrida – filósofo que discute questões animais – e uma gata enquanto ele estava nu, que Maciel explica:

Derrida parte de um dado particular para trabalhar esses discursos (sobre animais): a experiência de ter-se surpreendido, nu e em silêncio, diante do olhar de uma gata – um animal em sua insubstituível singularidade. Segundo o filósofo, essa consciência de se ver observado por um “olhar animal” deu-lhe a ver “o limite abissal do humano, os confins do homem”, levando-o à passagem das fronteiras entre o humano e o inumano até chegar ao “animal em si, ao animal em mim e ao animal na falta de si mesmo”. (Derrida, 2002, p.15 *apud* Maciel, 2007, p. 201).

Há também no texto de Clarice um diálogo silencioso, feito com os olhares dos dois personagens: “Que foi que se disseram? Não se sabe. Sabe-se apenas que se comunicaram

rapidamente, pois não havia tempo. Sabe-se também que sem falar eles se pediam. Pediam-se com urgência, com encabulamento, surpreendidos” (Lispector, 1999, p. 62). A identificação tão instantânea da personagem com o animal representava uma saída de sua condição de profundo deslocamento e o basset parecia transmiti-la isso, como se detivesse consigo algum segredo que a libertasse de seu solço e que a permitisse habitar o mundo.

Lispector nos apresenta uma figura animal que parece, como afirma Maciel, ter seu próprio universo interno, tão rico quanto o humano. Essa representação pode servir para discutir sobre como erramos quando reduzimos os animais a coisas, que são vistas mas que não veem (Maciel, 2007 p. 202), porque o basset vê a menina e causa nela tamanho impacto que, quando o encontro se desfaz e o cão vai embora, ela fica “espantada, com o acontecimento nas mãos, numa mudez que nem pai nem mãe compreenderiam” (Lispector, 1999, p. 62).

Em outro conto em que há uma figura animal presente, *Uma esperança*, a mesma autora nos apresenta uma cena doméstica e cotidiana até aparecer uma esperança – e aqui há ambiguidade em relação à qual esperança se fala, inseto ou sentimento – acima da cabeça da mãe de dois filhos, que se comovem. Os insetos parecem suscitar nos escritores um “instante poético”, pois essa representação não é exclusiva de Clarice Lispector, segundo os autores Fabrício Costa e Sílvia Holanda (2020, p. 3). Além disso, afirmam ainda que as representações desses pequenos animais causam reflexão porque ocasionam em “novas maneiras de enxergar o mundo e a si mesmo, sendo estimuladas pelo contato com a fragilidade que é um inseto” (*Idem, Ibidem*). O fato de ser frágil parece ser o que mais nos desperta curiosidade, o que é próprio das representações de alteridade – a captura da atenção, já que pensar sobre como é existir de uma outra forma que não a sua é um trabalho de reflexão profunda.

No texto, uma existência miúda, no sentido literal, de repente assume um sentido metafórico para a própria existência das personagens humanas e a cena inteira ganha valor de representação simbólica: “Foi então que farejando o mundo que é comível, saiu de trás de um quadro uma aranha. Não uma aranha, mas me parecia “a” aranha. Andando pela sua teia invisível, parecia transladar-se maciamente no ar. Ela queria a esperança. Mas nós também queríamos e oh! Deus queríamos menos que comê-la” (Lispector, 1998, p. 59). Vale observar também que a representação de insetos na literatura se difere muito da representação de animais de grande porte, como os bovinos, abordados anteriormente, que se relacionam com paisagens rurais e com reflexões ambientais mais amplas. Os insetos estão inseridos no cotidiano e parecem nos fazer olhar para dentro, como evidenciam Costa e Holanda: “Na rotina comum,

minúsculos animais carregam os sujeitos para pensamentos mais amplos, fazendo-os ampliar questões em torno do íntimo de si mesmo [...]” (2020, p. 4).

A obra de Clarice Lispector é especialmente atravessada pela aparição de insetos que parecem carregar verdades sobre a vida (*Idem*, p. 6). Não só em textos curtos, como os contos, que tendem a ser mais suscintos e causar mais reflexões, por causa de sua densidade, mas também em romances, como acontece em *A paixão segundo G.H.*, um romance inteiro que se dá em torno de uma cena em que a protagonista se depara com uma barata em um dos cômodos da sua casa, o quarto da empregada. Muito diferente de *Uma esperança*, conto de duas páginas, *A paixão segundo G.H.* tem quase 200 páginas de uma narrativa cuja narradora e protagonista percorre reflexões existenciais profundas e parece encontrar diversas dessas “verdades” enquanto olha e pensa sobre a barata. Ela fala ao leitor: “Assim como houve o momento em que vi que a barata é a barata de todas as baratas, assim quero de mim mesma encontrar em mim a mulher de todas as mulheres” (Lispector, 1964, p. 176). As páginas finais do romance trazem uma G.H., a protagonista, profundamente transformada e com uma nova consciência de si e do que a cerca.

Enfim, enfim quebrara-se realmente o meu invólucro, e sem limite eu era. Por não ser, eu era. Até o fim daquilo que eu não era, eu era. O que não sou eu, eu sou. Tudo estará em mim, se eu não for; pois "eu" é apenas um dos espasmos instantâneos do mundo. Minha vida não tem sentido apenas humano, é muito maior – é tão maior que, em relação ao humano, não tem sentido. Da organização geral que era maior que eu, eu só havia até então percebido os fragmentos. Mas agora, eu era muito menos que humana – e só realizaria o meu destino especificamente humano se me entregasse, como estava me entregando, ao que já não era eu, ao que já é inumano. (Lispector, 1964, p. 181)

Seja através da esperança, da barata ou do basset, os animais de Clarice Lispector são representados sob uma visão que coaduna com a premissa da ecocrítica, que também é premissa do ambientalismo, sobre a proximidade, o parentesco – no sentido figurado do termo –, o lugar comum que ocupam seres humanos e animais; assim afirmam diversos dos autores já citados aqui – Krenak, Carvalho, Sorrentino, Haraway, Maciel.

### Cataclismos

Paulliny Tort é uma escritora e jornalista brasileira nascida em 1979 e suas publicações são especialmente contemporâneas, porque são muito recentes. A partir de um de seus contos, “Rios voadores”, o último do livro *Erva Brava*, é possível iniciar discussões que



estão dentro de temas ambientais. Em primeiro lugar, o conto possui estreita relação com uma realidade concreta, que foi as enchentes no Rio Grande do Sul acontecidas em maio de 2024 e que tiveram grande cobertura midiática. Há muitas semelhanças entre o que se deu nesse episódio na terra gaúcha e o que se dá na pequena cidade fictícia de *Erva Brava*, como o desalojamento das pessoas e o destino dos animais, atingidos igualmente por esses eventos, mas com muito menos chances de se salvar, como já abordado anteriormente aqui, na discussão sobre a obra *Memórias do boi Serapião* e a relação com o cavalo Caramelo e os animais na rede de *pet shops*.

No conto, há simbologias religiosas que podem abrir um diálogo sobre como na iminência de um fim catastrófico a religiosidade é o que resta: a humanidade falhou em se salvar e agora só pode contar com milagres, divindades e entidades místicas. Essas simbologias são frequentes em diferentes momentos da narrativa. Também chama atenção a figura particular de Zezinho, um homem que vivia em situação de rua e que gargalha diante da iminente catástrofe, e a cena pode servir às reflexões sobre o que se passa nesses contextos com aqueles a quem negamos a humanidade: “o cidadão em situação de rua não é visto como um igual, como integrante da mesma espécie, apenas não é visto, como se fosse coisa” (Mattos e Ferreira, 2004, p. 52). Pode-se pensar ainda sobre como sua risada parece evidenciar a crise civilizacional – de uma sociedade capitalista e industrial –, pela qual pessoas na situação de Zezinho sempre foram afligidas, mas que estaria ali em seu apogeu e não pouparia ninguém. Ainda dentro do mesmo conto, aparecem os impactos de eventos climáticos extremos em diferentes grupos: animais, pessoas de diferentes classes, crianças. Como já colocado, essas forças destrutivas chegam da mesma forma para todos, mas os impactos não são os mesmos. Esses apontamentos buscam propor temáticas que podem ser observadas dentro da obra.

Por fim, o conto se encerra com o sumiço da cidade, o que parece ser mais uma simbologia, mas agora que aponta para o desaparecimento da humanidade: “já não existe Buriti Pequeno. E somente nós, eu e você, saberemos: daqui em diante será como se nunca houvesse existido” (Tort, 2021, p. 101). Paulliny Tort parece dar uma amostra do que aguarda a humanidade no futuro por causa da degradação ambiental. Como Pedro Mandagará evidencia, o fim da humanidade é um tema que aparece na ficção literária há séculos, mas somente na contemporaneidade é que esse tema passa a se relacionar mais estreitamente com questões ambientais (2015, p. 11), como faz a obra em questão.

Um evento de cataclismo como esse é justamente o que deseja evitar o movimento ambientalista, do qual deriva a educação ambiental e também a ecocrítica. O conto “Rios voadores” e os outros contos de *Erva Brava* se inserem nas discussões ambientais no âmbito das catástrofes e, sendo a literatura uma abertura de “perspectivas para formas de conhecermos quem somos nós” (Schmidt, 2015, p. 22), os contos podem nos ajudar a compreender melhor as consequências finais da postura da humanidade em relação ao ambiente.

## Considerações finais

A leitura de obras literárias que se inserem nas discussões da ecocrítica, bem como o levantamento de temas correlacionados têm muito a contribuir com o ensino de literatura, pois satisfazem perfeitamente a proposta de transversalidade da educação ambiental. A linha ecológica da crítica literária representa o encontro do ambientalismo com a arte e o fazer literário, que, assim como o ambiente e os animais, é parte indissociável da vida humana.

Este trabalho não propõe metodologias e práticas que possam ser aplicadas em sala de aula, mas os apontamentos realizados aqui podem contribuir como base teórica para a formulação de metodologias que lancem mão do papel de transversalidade que a ecocrítica pode exercer entre a educação em literatura e a educação ambiental na educação básica.

Hoje, especialmente, vivemos um momento que torna necessárias as reflexões que nos ajudem a refazer nossa relação com o ambiente, porque os impactos humanos já estão gerando consequências extremas e já nos desesperam. Só no ano de 2024, os brasileiros já assistiram dois extremos desses eventos, que foi a chuva intensa que causou enchentes em maio, e mais tarde em agosto e setembro os imensos incêndios ambientais que cobriram de fumaça o céu de muitas cidades. Este contexto de mudanças climáticas aponta o ser humano em direção a um cataclismo ou, ao menos, é essa a sensação que temos – podemos tomar como evidência o surgimento da chamada ansiedade climática, ou ecoansiedade, que é o sentimento generalizado de preocupação e angústia com as mudanças climáticas e os eventos climáticos extremos (Reckziegel, 2023, p. 15), os quais vêm acontecendo com frequência muito assustadora nos últimos anos.

É fundamental não perdermos de vista que, em momentos de traumas e sofrimento, a literatura é um refúgio, porque nos oferta um espaço quando ele nos falta (Petit, 2010, p. 69). A leitura nos permite escapar de uma realidade que nos apavora e nos encontrar em um outro lugar, de mais esperança do que aquele que nos toma a paz. Isso se dá através do exercício imaginativo, que nos permite sonhar, construir devaneios e reconstruir nosso próprio mundo (*Idem*, p. 81), mas também da identificação e elaboração que a leitura pode nos proporcionar em relação aos nossos próprios sentimentos, experiências e existências. Ao ler, precisamos construir em pensamento as imagens que determinada leitura propõe e dar vida às existências que ela propõe. O contato com elas muitas vezes é como desembaçar as vistas e conseguir

enxergar mais claramente o que está a nossa volta, mas também a nós mesmos, porque nos espelhamos nas subjetividades que a leitura nos apresenta, enxergando nossa própria.

## Referências

ANDRADE, Carlos Drummond. **Caminhos de João Brandão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

\_\_\_\_\_. **Claro enigma**. Rio de Janeiro: Record, 2022.

ANGUS, Ian. Uma segunda revolução copernicana. *In*: ANGUS, Ian. **Enfrentando o antropoceno: capitalismo fóssil e a crise do sistema terrestre**. Tradução: Glenda Vicenzi. São Paulo: Boitempo, 2023.

BARROS, Manoel de. **Menino do mato**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

\_\_\_\_\_. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 51. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

BRAIDOTTI, Rosi. **The posthuman**. [Cambridge?]: Polity, 2013.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 2024.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura Carvalho. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

COSTA, Fabrício Lemos da; HOLANDA, Sílvio Augusto de Oliveira. O aparecimento do inseto como instante poético e reflexivo em “Uma esperança”, de Clarice Lispector. **DLCV**, João Pessoa, PB, v. 16, n. 2, 2020.

FANTINEL, Leticia. A intrusão das águas. **Caderno de Administração**, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, v. 32, n. 1, p. 1-5, jan./jun. 2024. Editorial.

FILHO, Carlos Pena. **Memórias do boi Serapião**. Recife: O Gráfico Amador, 1955.

FONSECA, Rita de Cássia. **Indicadores de sustentabilidade empresarial de boas práticas para micro e pequenas empresas: análise crítica e framework conceitual**. 2020. Tese (Doutorado em Tecnologia e Sociedade) - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Tradução: Vera Ribeiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

GUIDA, Angela; MELO, Gleidson André Pereira de. Árvores Sagradas: uma cosmovisão no Chthuluceno. **Gragoatá**, Niterói, v. 28, n. 61, maio/ago. 2023.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. *In: ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte I*, ano 3, n. 5, abr. 2016.

HERMANN, Nadja. Rousseau: o retorno à natureza. *In: CARVALHO, Isabel Cristina Moura de; GRUN, Mauro; TRAJBER, Rachel (org.). Pensar o Ambiente: bases filosóficas para a Educação Ambiental*. Brasília: Ministérios da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

\_\_\_\_\_. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

\_\_\_\_\_. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LATOURETTE, Bruno. Esperando Gaia. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, fev. 2021. Disponível em: <https://piseagrama.org/extra/esperando-gaia/>. Acesso em: 18 ago. 2024.

LISPECTOR, Clarice. **A legião estrangeira**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

\_\_\_\_\_. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964.

\_\_\_\_\_. **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MACIEL, Maria Esther. Literatura e subjetividade animal. **Revista Dobra**, Lisboa, n. 7, 2023.

\_\_\_\_\_. Zoopoéticas contemporâneas. **Remate de Males**, Campinas, v. 27, n. 2, 2007.

MANDAGARÁ, Pedro. Notas sobre o fim da história e o último homem. *In: SCHMIDT, Rita Terezinha; MANDAGARÁ, Pedro (org.). Sustentabilidade: o que pode a literatura?* Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2015.

MATTOS, Ricardo Mendes; FERREIRA, Ricardo Franklin. **Quem vocês pensam que (elas) são?** Representações sobre as pessoas em situação de rua. *Psicologia & Sociedade*, São Paulo: Universidade São Marcos, v. 16, n. 2, maio/ago. 2004.

ODUM, Eugene. **Fundamentos de ecologia**. 6. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

OLIVEIRA, Marta R. A literatura indígena e a sustentabilidade. *In*: SCHMIDT, Rita Terezinha; MANDAGARÁ, Pedro (org.). **Sustentabilidade: o que pode a literatura?** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2015.

PETIT, Michèle. **A arte de ler**. São Paulo: Editora 34, 2010.

\_\_\_\_\_. **Ler o mundo**. São Paulo: Editora 34, 2019.

RECKZIEGEL, Nina de Freitas Xavier. **Para além de imaginários apocalípticos: a Psicologia frente às demandas da emergência climática**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

RODRIGUES, Fábio; SILVA, Evandro Pereira da. Busca de vida fora da Terra. *In*: **Astrobiologia: uma ciência emergente**. São Paulo: Tikinet Edição: IAG/USP, 2016.

RODRIGUES, Nina Trícia Disconzi; PILLAR, Mariana Monteiro; BORGES, Andressa Faria. A tragédia no Rio Grande do Sul e as vítimas invisíveis. **Revista Contemporânea**, v. 4, n. 8, 2024.

SAIKI, Lyrian. Do boi nada se perde, tudo se transforma. **Tribuna**, Curitiba, 09 mai. 2005. Disponível em: <https://www.tribunapr.com.br/noticias/economia/do-boi-nada-se-perde-tudo-se-transforma/>. Acesso em: 17 set. 2024.

SCHMIDT, Rita Terezinha. (Eco)conhecimentos e a literatura no limiar da vida que vem: Introdução. *In*: SCHMIDT, Rita Terezinha; MANDAGARÁ, Pedro (org.). **Sustentabilidade: o que pode a literatura?** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2015.

SORRENTINO, Marcos. Crise ambiental e educação. *In*: QUINTAS, José Silva (org.). **Pensando e praticando: A educação ambiental na gestão do meio ambiente**. Brasília: Ibama, 2006.

TORT, Paulliny. **Erva Brava**. São Paulo: Fósforo, 2021.